

ANÁLISE DO DISCURSO A PARTIR DA INTERPRETAÇÃO CONTEXTUALIZADA DE POESIAS DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Roberto Remígio Florêncio*

Pedro Rodolpho Jungers Abib**

RESUMO: Estudo bibliográfico sobre as concepções de contexto, partindo da perspectiva mais elementar até os conceitos mais aprofundados e específicos. Pretende-se compreender tais conceitos em harmonia com outros termos igualmente importantes, utilizados deliberadamente nas pesquisas etnobiográficas, como os contextos histórico, geográfico e sociocultural. Considera-se a indivisibilidade dos contextos sociais e em constante diálogo com o conceito de contexto situacional, que adquire diferentes significados ao sabor da própria contextualização, em um processo metalinguístico sem precedentes no exercício da linguagem. Buscou-se aprofundar algumas conceituações para o termo e estabelecer contatos com o campo de utilização na sua vertente mais objetiva, que é o uso do conceito dentro do universo léxico-semântico e em sua verve original e subjetiva, que é o universo linguístico-literário. Para isso, elencaram-se alguns conceitos periféricos ao vocábulo, mas imprescindíveis para a compreensão de sua utilização, por meio de vivências, palavras e expressões e análises de textos poéticos de João Cabral, cânone da literatura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Texto e contexto; Contexto situacional; Pragmática.

DISCOURSE ANALYSIS THROUGH A CONTEXTUALIZED INTERPRETATION OF THE POETRY BY JOÃO CABRAL DE MELO NETO

ABSTRACT: Current paper is a bibliographical study on the idea of context, from the simplest perspectives to in-depth and specific ones. These ideas are understood with other equally important terms used in ethno-biographical research works, such as

* Doutorando em Educação - UFBA; Mestre em Educação e Cultura - UNEB; Licenciado em Letras (UPE), em Pedagogia (UNEB) e Graduando em Geografia (UNICESUMAR), Brasil.
E-mail: betoremigio@yahoo.com.br

** Pós-doutor em Estudos Lusófonos (Paris-França); Doutor em Ciências Sociais (Unicamp); Docente e Orientador do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFBA, Brasil..

historical, geographical, social and cultural contexts. Social contexts are indivisible and constantly dialoging with the concept of situational context that acquires different meanings within contextualization in a metalinguistic process without any precedence in language. Several concepts have been studied in depth and contacts with usages in their most objective stance have been established, or rather, the use of the concept within the lexical-semantic situation and in its original and subjective application, or rather, the linguistic and literary situation. Several peripheral concepts to the vocabulary have been listed. They are essential for the understanding of their usage through experience, words and expressions and the analysis of poetical texts by João Cabral, one of the canonical writers in Brazilian literature.

KEY WORDS: Text and context; Situational context pragmatics.

INTRODUÇÃO

*Aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto,
e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo (GEERTZ).*

Como base para esta discussão descritiva sobre os conceitos do termo “contexto”, na comunicação e produção de textos, faremos uso de alguns clichês utilizados por professores que laboram com a leitura/compreensão de textos nos diferentes níveis de leitura: a) o contexto é o alicerce do texto; b) é a base para se estabelecer um processo de comunicação; c) é o conjunto de elementos que fazem existir a informação. Em nenhuma destas expressões é possível constatar algum equívoco de definição, no entanto, é preciso identificar o poder epistemológico da palavra a partir da sua formação morfo-histórica.

O termo *contextus* deriva do latim e, assim como *texto*, tem seu significado ampliado no vernáculo original “*textum*”, que significa *tessitura*, *tecitura*, *entrelaçamento* e, conseqüentemente, *texto* e/ou *tecido*. Esta aparentemente simples reflexão etimológica traz complicações quando analisamos o texto como tecido formador de significados e surge um campo léxico comum de diferente campo semântico: o vernáculo *linha* enquanto *fião* na composição do tecido, da renda, da fazenda e a *linha* no sentido do elemento formador do texto, que se enreda na construção de sentidos.

Do latim, *contextus* singulariza o conjunto de condicionantes para a realização de uma compreensão. Segundo o seu significado dicionário, o contexto é o ambiente físico ou situacional (conjunto de circunstâncias) a partir do qual se considera um fato. Houaiss (2014) apresenta a seguinte definição de contexto: “relação de dependência entre as situações que estão ligadas a um fato ou circunstância”. O que compõe o texto na sua totalidade e/ou a reunião dos elementos do texto que estão relacionados com uma palavra ou frase e contribuem para a modificação ou esclarecimento de seus significados também lhe são sinônimos, segundo Houaiss (2014). Por extensão, o vernáculo aborda o encadeamento do que compõe o discurso e admite a palavra “âmbito” como o sinônimo mais apropriado para contexto.

Duas informações pertinentes podemos afirmar a partir desta definição: a primeira, segundo Geraldí e Ilari (1990, p. 64-66), é de que não existem sinônimos perfeitos e “âmbito” poderá não dar conta de todos os significados possibilitados por “contexto”; a segunda, assegurada pelo próprio Houaiss (2014), é que a ordenação sequencial extralinguística é o que determina as circunstâncias de utilização da língua durante um ato comunicativo.

2 RELAÇÃO TEXTO-CONTEXTO

Texto e contexto: estes dois termos, colocados em adjacência na teoria de Halliday (1999; 2006), servem para lembrar que “são aspectos do mesmo processo” (1989, p. 5). Para o autor, metaforicamente, há um texto e outro texto que o acompanha e que denomina de contexto. O que está dentro da ideia ‘*com o texto*’ está, na verdade, além do texto em uma situação discursiva. A esse contexto, Halliday denomina de contexto de situação. É a situação de uso da linguagem, o ambiente do texto. O texto se define como linguagem que desempenha determinado papel em determinado contexto. É “instância de uso da linguagem viva que está desempenhando um papel em um contexto da situação” (HALLIDAY, 1989, p. 10). A partir dos estudos desenvolvidos por Halliday e Hasan (1989), Machado (2009, p. 28) aponta que

Um ponto importante sobre a natureza do texto, conforme o próprio linguista salienta, é que, embora o texto, quando se escreve, pareça constituir-se de palavras e sentenças, ele é realmente feito de significados. E, por ter essa natureza, o texto deve ser considerado como um produto e como um processo, mantendo esses dois aspectos em foco. É preciso, portanto, ir além das palavras e estruturas, vendo o texto como um todo de linguagem, como um evento interativo, uma troca social de significados. Halliday salienta ainda a necessidade de se combinar as duas concepções de texto, como um produto e como um processo, relacionando essas visões com a noção de sistema linguístico que subjaz aos textos.

Se o texto é uma unidade semântica anterior à unidade morfossintática, volta-se à concepção de contexto anterior à de texto: o segundo existe pela existência do primeiro.

Tomando como base a definição de Costa Val (1999, p. 3), para quem “texto é uma ocorrência linguística, falada ou escrita, de qualquer extensão, dotado de unidades sociocomunicativas semântica e formal”, podemos exemplificar, em uma sentença, o que seria o contexto observando os seguintes enunciados a partir da formação sintática da mesma sentença “Que belo dia!”: 1. “Que belo dia!” – Poderia se imaginar que a frase se referia a um dia agradável, em que a rotina flui sem imprevistos, a pessoa simplesmente está feliz, trata-se de uma informação despreendida de grandes malabarismos informativos; 2. “Que belo dia!” – Trata-se da informação ampliada; é um dia diferente dos demais, talvez tenha sido dita por alguém que teve uma grande alegria, ainda assim, sem grandes maneirismos discursivos por ser positivista e adequada; 3. “Que belo dia!” – Agora, carregada de ironia ou sarcasmo, a frase pode ter sido produzida por uma pessoa que teve a má-sorte repentina ou um problema momentâneo e está começando mal o seu dia.

Ainda assim, pode-se perceber a utilização da entonação como elemento não linguístico para “antecipar” ou ajudar no entendimento de cada uma das frases proferidas. Sabe-se que a pontuação é a “entonação” do texto escrito, mas fica longe de cumprir a sua função, pois são as informações extralinguísticas que levam ao entendimento global da enunciação e que produzem a análise pragmática. Portanto,

pode-se afirmar que mesmo no texto escrito, a localização comunicativa está no espaço extralinguístico, em contextos que analisaremos adiante.

2.1 CONTEXTO ESPACIAL: HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

O contexto histórico da produção dos textos e sua relação com os aspectos formais só são enfatizados por Coseriu (2007) na comparação entre textos informativos e literários, segundo Armengaud (2006, p. 156). Ainda que seja pontuado como único contexto digno de análise nas comunicações didáticas, o contexto histórico é totalmente comprometido pela variedade sociocultural. Enquanto ambiente físico, o contexto pode ser espacial (ou material) quando se percebe o texto no espaço e a simples variação do ambiente pode resultar em modificações contextuais irreversíveis para o texto original. Como exemplo, peguemos uma luta: praticada por dois indivíduos e com determinadas intenções, a luta pode aparecer enquanto briga de rua ou como esporte no ringue. O mesmo texto, independente das informações anteriores, sofre alterações de significado pelo ambiente em que ocorre e, claro, pelas intenções dos participantes. Mas, aqui, o nosso objeto de estudo é o local físico e a constatação de que o espaço geográfico passa a ser preponderante para a compreensão da informação disponibilizada. Na verdade, um texto, de acordo com a concepção de Platão e Fiorin (2001, p. 13), não é um aglomerado de frases, “um texto contém um pronunciamento dentro de um debate de escala mais ampla”, portanto, um texto nunca está descontextualizado. Neste caso, ainda não seria texto.

A materialidade de uma contextualização centrada em um ambiente físico dar-se-á principalmente da ideia (pré)concebida que se tem do espaço, relativizando seus aspectos de territorialidade. Imaginemos, pois, os títulos dos seguintes filmes, clássicos mundiais, e assim, podemos perceber a força significativa dos lugares na compreensão do contexto geográfico: “Era uma vez no oeste” (Faroeste); “Meia-noite em Paris” (Romance); “Tróia” (Histórico); “Rio” e “Madagascar” (Desenhos). Ainda assim, Halliday aponta para não se perder de vista o entendimento contextual que a situação sociocultural do ambiente emana. Os estudos semióticos de Charles Peirce (1839-1914) e, posteriormente, semiológicos de Roland Barthes (1915-1980) já apontavam para a interpretação dos espaços na multiplicidade de entendimento

dos signos e símbolos.

Alguns estereótipos são atenuantes na promoção do movimento de progressão textual, no entanto, são agravamentos da crise contextual que se pretende compreender nos contextos de espaços delimitados. Exemplo: a riqueza europeia em contraponto com a pobreza dos países africanos é fator preponderante do discurso mundialmente estabelecido e, a reboque deste entendimento previamente internalizado pelo consciente coletivo, torna-se impossível aceitar um europeu pobre e um africano rico nos discursos comumente estabelecidos. Caetano Veloso, nos versos da canção “Reconvexo” (VELOSO, 1989), faz uma analogia assegurada pelo princípio do consciente coletivo quando diz: “Eu sou a chuva que lança areia do Saara sobre os automóveis de Roma”. O entendimento destas metáforas pode estar no lugar-comum de se identificar a África como pobre (areias do Saara) e a Europa como rica (automóveis de Roma), além da questão das migrações ilegais que ocorrem nas fronteiras destes dois continentes.

2.2 O CONTEXTO SITUACIONAL E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Enquanto ambiente situacional, ou seja, situação material ou imaterial da ocorrência do texto, pode-se perceber o contexto em suposições reais ou hipotéticas que modificam completamente o seu significado. Fazem parte dessa variação os inúmeros aspectos de contextualização textual, como o espaço (também pode ser imaterial quando o autor o desconsidera na construção do seu texto), o tempo, o autor, os interlocutores, as figuras de sintaxe, época, uso de determinadas palavras, entonação, além de elementos extralinguísticos variados. O contexto linguístico prende-se aos fatores associados à produção de um enunciado, afetados pela interpretação, adequação e significado da mensagem. Posto isto, a mensagem depende tanto da gramática, da sintaxe e do léxico como do contexto.

Segundo Andrade (1995, p. 3), “o contexto situacional determina as condições pragmáticas vigentes durante a interação verbal”. Em outras palavras, o contexto situacional é a construção cognitiva (ou quadro) que o falante faz da situação comunicativa. A percepção da situação ocupa um lugar especial nesse contexto. O falante percebe somente aqueles elementos da realidade circundante que considera relevantes para o desenvolvimento da interação. Assim, pode-se asseverar que o

contexto situacional é uma criação individual. Mas para que esta criação se efetive os demais contextos (cultural, biográfico individual e conhecimento de mundo) são acionados.

O contexto situacional é a situação concreta da comunicação. Trata-se de um contexto extralinguístico que define o significado nos casos de plurissignificação em que o contexto linguístico não ajuda. É o contexto situacional que nos diz se uma frase como “Estou limpo” significa: 1. “Já me lavei” (criança ao sair do banho, para convencer o adulto); 2. “Não usei drogas” (toxicodependente numa reunião de anônimos), 3. “Não tenho cadastro” (alguém ao ter saldado suas dívidas); 4. “Perdi todo meu dinheiro” (perdedor em uma mesa de jogo); 5. “Sou inocente” (réu diante de sua absolvição); além de outros diversos sentidos. O contexto situacional é formado por informações que estão fora do texto, sejam elas históricas, geográficas, sociológicas, literárias. Ele é essencial para uma leitura eficaz, aproximando o interlocutor/leitor do sentido que o locutor/escritor quis imprimir ao texto.

Para se compreender um texto em sua totalidade comunicativa, informativa e dialógica, é necessário saber informações que fazem parte de sua produção: 1. Em qual momento histórico ele foi produzido; 2. A que situações internas ou externas o texto se refere direta ou indiretamente; 3. Quais elementos textuais, não textuais e extratextuais foram utilizados em sua formação; 4. Que suposições de resposta visavam encontrar os seus produtores. A compreensão a tudo isso denominamos contexto e, na maioria das vezes, sinônimo de “contexto histórico” ou, mais recentemente, contexto “sociocultural”. Falar sobre o sentido de um enunciado, fora das circunstâncias possíveis de suas ocorrências, ou seja, fora do contexto e da situação, equivale a abandonar o terreno da experiência e da comprovação, para construir uma hipótese carente de demonstração. Analisar esse tipo de comprovação é o papel principal dos estudos pragmáticos dentro da linguística. Em Armengaud (2006), a pragmática é apresentada, segundo Francis Jacques, como uma disciplina que considera a linguagem um fenômeno discursivo, comunicativo e social, partindo de uma abordagem semântica e sintática. A autora classifica os contextos em circunstancial, situacional, interacional e pressupositional.

A pragmática é o ramo dos estudos de interpretação que estuda o contexto linguístico, mesmo os seus aspectos não linguísticos (como o uso de outros signos

que não sejam linguísticos) ou extralinguísticos (elementos do contexto externo ao texto, como o autor, por exemplo). Os especialistas falam de microtexto (quando o contexto linguístico é dado por uma palavra imediata dentro do enunciado) e de macrotexto (o significado do texto não é imediato, uma vez que é dado por um contexto mais afastado). Dá-se o nome de contexto extralinguístico ao conjunto dos interlocutores potenciais, do local, do tipo de registro e do momento em que decorre um ato linguístico. Estas circunstâncias têm impacto sobre o entendimento da situação linguística. A literatura pode extrapolar qualquer tentativa de normatização dessas vias naturais de compreensão textual.

3 ANÁLISES LITERÁRIAS DO CONTEXTO

O limite entre o texto em sua composição linguística (morfossintática e semântica) e o contexto em sua abrangência extralinguística (semântico-pragmática) foi profundamente abordado em alguns poemas de João Cabral de Melo Neto (Recife, 1920 – Rio de Janeiro, 1999), transcritos e analisados a seguir. Para fins de entendimento da visão do autor sobre o contexto, salientamos que o poeta guardava as características de laborar exaustivamente na composição dos seus versos e ser um profundo conhecedor da língua portuguesa, tanto como objeto da cultura popular como das intransigências normativas do idioma.

Em seu antológico poema, “*Tecendo a manhã*” (MELO NETO, p. 12), João Cabral aborda a questão da coletividade na construção de um “objeto” extraordinário:

Tecendo a manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma tênue
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpendo em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entreendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

Para se compreender o que o *Engenheiro da Palavra* (epíteto de João Cabral) quis efetivamente dizer em sua composição léxico-semântica é preciso empreender uma interpretação textual, contextual e extratextual, o que denominaremos de contextualizada. O “grito do galo”, metaforicamente, pode estar relacionado tanto à construção poética (em que galos seriam os poetas, “ourives” da língua, inspirando-se em Olavo Bilac), como à construção do mundo (em que galos seriam os trabalhadores, os seres humanos), relacionados ao tema que inicia o texto, que é da construção da manhã. O poeta ainda poderia estar abordando a construção de sentido, de textos (em que galos seriam os interlocutores, os ouvintes e falantes). Esta terceira concepção nos interessa mais, principalmente, pela análise do uso dos vocábulos ligados a “tecer”, de *tecido* (no último verso), *tessitura* (urdida, trama), *textum*.

O poema já inicia formulando interessante paráfrase do dito popular “uma andorinha só não faz verão”, o que sinaliza para o uso da contextualização. Sem o texto original, não haveria a compreensão do segundo. Depois, seguem-se vocábulos e expressões que lembram a construção de um texto e a necessidade de um encadeamento próprio ao contexto: tecem, grito, “de um que apanhe esse grito que ele/ e o lance a outro”. Aqui, percebe-se a genialidade do poeta no uso da palavra “ele” (do verbo elar), ao invés do pronome “ele” sem a ação correspondente (verso 3), em uma ação consciente do verso, característica pela qual João Cabral é reconhecido entre os cânones da literatura brasileira. O contexto está no grito que é repassado de galo em galo, até que uma grande “teia tênue”, onde cabem todos, seja formada.

Outros poemas do mesmo autor que dialogam com essa temática são “Catar feijão” (1966), em que o poeta descreve metaforicamente o ato de escrever, fazendo a analogia entre escolher as palavras certas e o ato de escolher/catar o feijão que

será cozido e servido. Em “Rios sem discurso” (1966), a metáfora utilizada está na analogia entre o texto (discurso) e o rio (curso). Segue o texto e uma análise do entendimento de contexto vislumbrado pelo autor:

Rios sem discurso

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
a água se quebra em pedaços,
poços de água, em água paralítica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio
o fio de água por que ele discorria.
O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

(NETO, J.C.M. Poemas para ler na escola. Objetiva, 2010, p. 66)

Aqui, o poeta torna-se mais explícito na definição do que compreende como “texto” e “contexto”. Parece-nos claro que a palavra paralítica, “dicionária”, isolada, “estanque no poço dela mesma” não tem contexto, não faz parte de um discurso, não é texto ainda. E, como não flui, não é rio. De acordo com o autor, o discurso, ou seja, o texto, precisa de um movimento de rio, “de muita água em fios”, que seriam linhas (as linhas na produção do texto e/ou as do tear na fabricação do tecido?).

Enfim, a que o autor se refere é ao entrelaçamento das ideias, frase a frase, que não há nos poços, mas no correr das águas. A contextualização, presente nessa analogia de texto e rio, para o autor é clara (como as águas do rio?): a palavra isolada não é texto, não é discurso, assim como não existe o rio sem curso.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre um texto e a situação em que ele ocorre – que buscamos conceituar como contexto – são elementos intrínsecos à produção/compreensão dos elementos constitutivos da comunicação: e o uso deste recurso, seja linguístico, visual, olfativo, misto, enfim, é o que lhe garante a comunicação entre os seres. Ao propor o estudo do “contexto de uso”, Halliday (1989) incorporando à análise elementos do ambiente textual (linguístico e extralinguístico), redimensiona o termo “contexto situacional”, que, doravante o elemento cultural intrínseco à humanidade, pode-se depreender também o contexto cultural como extensão dessa significação. Para Halliday (1989, *apud* COSTA, 2001), “o sucesso na comunicação pode ser explicado pela previsão inconsciente, ou seja, quase nunca é surpresa o que queremos dizer em determinadas situações”. As situações criam os textos e a previsibilidade das ocorrências textuais é fomentadora do contexto de uso.

O tipo de descrição ou interpretação do contexto de uso que vem a ser mais adequado para o linguista é o que caracteriza os termos usados numa interação. Portanto, à concepção de texto aqui apresentada subjaz o postulado básico de que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação. “Para ilustrar essa afirmação, tem-se recorrido com frequência à metáfora do iceberg: todo texto possui apenas uma pequena superfície exposta e uma imensa área imersa subjacente” (KOCHI, 1997, p. 24). Para se chegar às profundezas do implícito e dele extrair sentido, é necessário recorrer a vários sistemas de conhecimento e a ativação de processos e estratégias cognitivas e interacionais. “Uma vez construído um — e não o — sentido, adequado ao contexto, às imagens recíprocas dos parceiros da comunicação, ao tipo de atividade em curso, a manifestação verbal será considerada coerente pelos interactantes” (KOCH, 1997, p. 25).

Para concluir, salientamos que as análises das obras literárias aqui

empreendidas não têm como objetivo situá-las em seus contextos de criação e intenção, mas associando-as à temática, buscamos também esclarecer que os textos literários podem (e devem) não respeitar as regras contextuais e negligenciar a teoria da previsibilidade tão óbvia no binômio produção-compreensão textual. Na perspectiva de Coseriu (2007), a questão do contexto da obra literária é mais complexa, por qualquer ângulo que o analisemos: o momento histórico da produção, as representações do autor ou do leitor. Ao comparar o autor do texto informativo com o autor do texto literário, Coseriu adverte que “[...] o sujeito da obra literária é sempre um sujeito universal: é o Autor, com maiúsculas, e não um determinado indivíduo” (2007, p. 57). Sobre a situação do “sujeito universal” da obra literária é eterna, ou pelo menos atemporal.

Ainda segundo Coseriu (idem), a obra artístico-literária guarda o componente assituacional do contexto, seu compromisso não é com a histórica nem mesmo com a tradição linguística do idioma ou outra qualquer conotação de responsabilidade cultural que a restrinja: o compromisso da arte é com a sua estética. Assim, desrespeitando a progressão textual e arriscando-se em uma imprevisibilidade interpretativa, foram produzidas as grandes obras das artes e da literatura, assegurando assim uma nova contextualização, inclusive plástica e estética, o contexto literário.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. L. C. O. **Digressão**: uma estratégia na condução do jogo textual–interativo. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

ARMENGAUD, F. **A pragmática**. Tradução: Marcos Macionilo. São Paulo: Parábola, 2006.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 31. ed. Rio de Janeiro: Lucerna,

2001.

COSERIU, E. **Linguística del texto**: introducción a la hermenêutica del sentido. Edición de Óscar Loureda Lamas. Madri: Arco Libros, 2007.

COSTA, I B. Forma e contexto na linguística do texto de Eugenio Coseriu. *In*: SIMPÓSIO COSERIU MEMÓRIA E ATUALIDADE INTEGRADO AO XV CONGRESSO INTERNACIONAL DE LA ALFAL, 15., 2008, **Anais [...]**. Montevideo, Uruguai: Universidad de la República, Universidade Federal do Paraná, 2008.

COSTA VAL, M. G. **Redação e textualidade**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GERALDI, J. W.; ILARI, R.. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1990.

HALLIDAY, M. A.K.; HASAN, R. **Language, context, and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. New York: Oxford Press, 1989.

HALLIDAY, M. A.K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss online 2014**. Disponível em: www.houaiss.online.com.br. Acesso em: 29 jun. 2019.

KOCH, I. V. **O texto e a construção do sentido**. São Paulo: Contexto, 1997.

LOPES, E. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1999.

MACHADO, R. F. Sentido, estrutura e contexto situacional. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GENEROS TEXTUAIS, 2009. Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: UFCS, 2009.

MARCHUSCHI, L. A. **Linguística de texto**: o que é e como se faz? São Paulo: Parábola, 2012.

MELO NETO, J. C. **Poemas para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

PLATÃO, F. S.; FIORIN, J. L. **Para entender o texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2001.

VELOSO, C. Reconvexo. *In*: BETHÂNIA, Maria. **Memória da pele**. Polygram discos, 1989. 1 disco vinil.

Recebido em: 28/05/2019

Aceito em: 04/11/2019